



EXPRESSO/ACTUAL – 6 de Dezembro de 2008

Nota

AMÁLIA, O FILME de Carlos Coelho da Silva

Há várias incongruências em termos biográficos - a maior das quais põe Amália a ser insultada de “fascista” no Coliseu logo depois do 25 de Abril, quando ela só lá foi, e em triunfo, em 1985, mas talvez isso se deva dar de barato, são os ditames dramatúrgicos de um *biopic*, dizem... Há casos em que nem a verdade bate com a representação, nem a representação com a lenda – e fiquemos por Ricardo Espírito Santo a tomar corpo na fraca figura de António Pedro Cerdeira, ou em Salazar mal enformado em Rui Siqueira para dizer que há coisas que não têm a ver com talento de actor, tão-só com porte errado. Há, enfim, um apequenamento do mito e, com ele, do nosso imaginário, da nossa História recente, de nós – porque contar a história de Amália havia de merecer outros meios, outra dignidade, outro fôlego, outro engenho e não esta estreiteza de telefilme, com luz apressada, cenários limitados, diálogos de telenovela, maquilhagem de pouco esmero e nenhuma emoção, valha-nos Deus ...

Jorge Leitão Ramos

